

COMUNICAÇÃO

A PRÉ-HISTÓRIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Andre Prous

*Departamento de sociologia/Antropologia da UFMG.
Responsavel pelo Setor de Arqueologia da UFMG e pela
Mission Archeologique de Minas Gerais. Bolsista do CNPq.*

INTRODUÇÃO

Na reconstituição histórico-cultural do passado, podemos lançar mão de duas fontes principais de informação: os textos (escritos) e os vestígios arqueológicos (sendo estes qualquer testemunha material da presença e da atividade do Homem, dentro do seu meio natural e cultural).

Os historiadores, particularmente no Brasil, são ainda pouco informados sobre as possibilidades de utilizar-se a arqueologia para os períodos mais recentes. Vão desde informações sobre as modificações ambientais (através de estudos paleobotânicos) até a reconstituição das antigas paisagens agrárias (reconhecimento dos antigos cadastros, dos caminhos, etc., através da fotografia o, aérea ou de satélite). A arqueologia permite abordar aspectos biológicos (demografia, populações, do parentesco biológico entre as pessoas) ou tecnológicos; rotas de difusão de matérias-primas ou de da propagação de novidades; alimentação; fornece até meios de abordar sistemas simbólicos de representação do mundo. Sobretudo, recoloca o homem, ser cultural e que como tal se apresenta através dos textos, no seu ambiente natural (muitas vezes desdenhado pelos escritos).

Outrossim, o texto e o vestígio arqueológico apresentam-se aos pesquisadores como complementares não apenas pela abrangência, mas também pelo direcionamento da informação.

O escrito e urn documento elaborado consciente e voluntariamente pelo autor, o qual tem as o domínio sobre a técnica da escrita (o que, na maioria das culturas, significa que ele está ligado aos detentores do poder). Assim sendo, o escrito apresenta ao leitor uma visão parcial e ideologicamente orientada, como sabem todos os historiadores. Inclusive, as lutas ideológicas podem, alternativamente, provocar a promoção, a subestimação ou até o desaparecimento do documento.

Em compensação, a maioria dos vestígios arqueológicos foram considerados ideologicamente neutros e provem de qualquer pessoa: são essencialmente lixo. Assim sendo, não foram colocados como portadores de mensagem (ou seja, não são destinados a induzir uma interpretação favorável a quem os abandonou) e não se limitam a registrar as ações dos poderosos: o refúgio alimentar do pobre poderá ser tão bem representado quanto o do rico. Poderíamos falar do aspecto "democrático" do lixo,

em oposição ao aspecto "elitista" do escrito. Isto não significa que a arqueologia possa substituir a história, ou que o lixo seja preferível ao texto: completam-se e esclarecem-se mutuamente. Quem usa o texto trabalha a partir da visão do vencedor, mesmo que a critique. Quem só acredita no lixo perde a compreensão das interpretações simbólicas e das manipulações ideológicas da realidade, assim como o acesso a individualidade.

Mesmo assim, a própria arqueologia passa a ser hoje considerada como uma arma, sendo manipulada pelo poder, já que pode ajudar a criar ou reforçar mitologias (da "cultura ariana", do "comunismo primitivo", da legitimidade de um país artificial, criado pelo desmembramento de um império colonial, etc.).

Destarte, não é apenas preciso criticar o texto a partir dos vestígios materiais, mas convém que o historiador conheça um pouco as técnicas e os métodos da arqueologia para saber quais suas possibilidades (imensas) e suas limitações, e ser capaz de perceber as distorções e interpretações abusivas do discurso arqueológico.

Para isto, apresentarei, inicialmente, slides mostrando o procedimento do arqueólogo. A seguir farei um histórico das pesquisas no Estado, acabando por um resumo da pre-história do Estado de Minas Gerais.

I - PROJEÇÃO DE SLIDES

Escavação dos sítios mineiros de Lapa Vermelha, Santana do-Riacho, Dragão e Boquete.

Vestígios biológicos (esqueletos, alimentos), tecnológicos (artefatos de pedra, fibras, madeira, osso e cerâmica) e simbólicos ("arte rupestre"). Descrição dos métodos de análise, das orientações de pesquisa e das conclusões.

II - BREVE HISTÓRICO DAS PESQUISAS NO ESTADO

A arqueologia do Estado de Minas Gerais, comentada na Europa em meados do século XIX, acabou caindo no esquecimento, por falta de interesse local, quase até a segunda guerra mundial. Mesmo após esta data, precisa-se esperar os anos 70 para que se iniciem trabalhos fora da região de Lagoa Santa, a qual tinha até então monopolizado as atenções. Neste mesmo decênio, monta-se o primeiro centro de pesquisa do Estado. Com efeito, em meados do século XIX, o paleontólogo P. Lund menciona as pinturas rupestres de Cerca Grande e o achado de machados de pedra indígenas; cita exemplos brasileiros para explicar a origem humana dos "concheiros" (semelhantes aos sambaquis) do Velho Mundo. Enfim, achando em Sumidouro ossadas humanas misturadas com ossos de animais extintos, tem a coragem inédita de supor a existência de um homem "antediluviano" nas Américas, ideia que somente será aceita em meados do século XX. Ao mesmo tempo, juntava um farto material paleontológico que foi utilizado por Darwin para defender sua visão evolucionista.

Após tão brilhante e precoce preliúdio, o interesse pelo passado dos indígenas de Minas desaparece por completo, até que, no final do decênio de 1920, um jesuíta austríaco, Padberg-Drenkohl, mandado pelo Museu Nacional, viesse escavar em Confins, perto de Lagoa Santa; encontrou um cemitério pre-histórico, mas não tendo achado restos de fauna extinta, pensou que fosse recente.

Intelectuais mineiros como A. Cathoud, A. Mattos, o consul da Inglaterra, H. Walter, e o Dr. J. Penna discutiram essa conclusão. Enquanto este último divulgava a arte rupestre de Lagoa Santa, os outros tentavam, por meio de escavações, demonstrar a antiguidade do Homem na região.

Infelizmente, o modo de coleta do material (operários trabalhando sozinhos e pagos por "peça") não permitia observações de caráter científico; a única tentativa de síntese de arqueologia da região, feita nos anos 50, não teve suas teses confirmadas pelas pesquisas posteriores.

Em 1954/5, W. Hurt (da Universidade de Indiana), O. Blasi e L. de Castro Faria (do Museu Nacional do Rio) fizeram as primeiras escavações confiáveis no Estado, em Cerca Grande, perto de Lagoa Santa. Publicaram os resultados somente em 1969 e de maneira muito sucinta, anunciando datações de quase 10.000 anos (até então, as mais antigas obtidas no Brasil) para os primeiros vestígios de ocupação huinana.

Em 1971, uma Missão Arqueológica chefiada por A. Laming-Emperaire, da qual participamos, voltava em Lagoa Santa para conseguir maiores informações e tentar reconstituir o paleoambiente. A obtenção de datações muito antigas (mais de 20.000 anos) e o descobrimento de grandes animais extintos nos móveis habitados do abrigo de Lapa Vermelha levaram A. Emperaire a prosseguir as escavações deste sítio até 1977. Paralelamente, outra equipe era encarregada do levantamento das pinturas rupestres, algumas das quais datadas de vários milênios, pela primeira vez também, no Brasil. Em 1976, a UFMG me convidou para montar a primeira equipe profissional do Estado; logo, iniciamos as pesquisas na serra do Cipo (Santana do Riacho) e no norte do Estado (Montalvania). Desde então, a UFMG desenvolveu pesquisas em dezenas de municípios, descobrindo centenas de sítios e realizando pesquisas sistemáticas em várias regiões, às vezes em convênio com pesquisadores estrangeiros (escavações da Lapa Pequena de Montes Claros, com A. Bryan e R. Gruhn). Atualmente, os trabalhos da UFMG se concentram particularmente no centro mineiro e nos vales dos rios Peruacu e Jequitinhonha. Paralelamente, desde os anos 70, o Instituto de Arqueologia Brasileira (TAB) vem trabalhando, particularmente, nas regiões de Unai, Varzelândia e Serra do Cabral.

Com isto, podemos dizer que a arqueologia de Minas Gerais teve condições de renascer nos anos 70; infelizmente, seriam necessárias dezenas de equipes profissionalizadas para cobrir o território, registrar e estudar ocorrências, assim como ajudar as entidades de proteção ao Patrimônio (IEPHA e IPHAN), elas mesmas insuficientemente equipadas, apesar da contratação de dois pre-historiadores pelo IEPHA-MG nos anos 80.

Apesar da falta de possibilidade de contratações, das dificuldades para obter uma infra-estrutura eficiente e financiamentos permanentes, o Setor de Arqueologia da UFMG, apoiado pela Missão Arqueológica Franco-Brasileira, conseguiu tornar o nome dos sítios mineiros conhecidos internacionalmente. Organizou numerosos cursos e seminários para promover a formação de pessoal, convidando, inclusive, personalidades americanas (J. Flenniken), francesas (J. Tixier) e argentinas (M.E. Mansur-Françomme).

III - RESUMO DA OCUPAÇÃO DE MINAS DURANTE A PRE-HISTÓRIA

O Pleistoceno

Há mais de 12.000 anos atrás, o ambiente natural no Brasil central era bastante diferente do atual. Num clima mais seco, grandes savanas cobertas de capim forneciam alimentos para manadas de animais gigantes: camélidos (espécies de lhamas gigantes), tatus de cerca de 3 m de comprimento, mastodontes (aparentados aos elefantes) e, sobretudo, várias espécies de preguiças terrícolas, algumas das quais chegavam a medir 6 m de comprimento. Os primeiros imigrantes humanos, descendentes de colonos entrados na América a partir da passagem terrestre que existiu entre o Alasca e a Sibéria oriental, chegaram no Brasil em algum momento entre 40.000 e 12.000

anos atrás, no final do período geológico chamado pleistoceno. É, difícil saber a que momento exato ocorreu este primeiro povoamento: carvões datados entre 20.000 e 40.000 anos atrás foram coletados em abrigos do Piauí (escavações de N. Guidon) e em Minas Gerais (escavações conjuntas nossas e de A. Laming-Emperake na Lapa Vermelha). No entanto, em ambos os casos, há dúvidas sobre a origem humana dos vestígios encontrados, inclusive dos carvões.

A Transição Pleistoceno/Holoceno

Ao redor de 12.000 anos atrás, os abrigos da serra do Cipo (Santana do Riacho), do vale do Peruacu, perto de Januária (abrigo do Boquete) e de Montalvania apresentam vestígios de fogueiras, conservam instrumentos de osso e pedra lascada de sílex, arenito e de quartzo. Os estudos (feitos no microscópio) das microestrias e dos micropolidos formados nos gumes de pedra mostram que muitos instrumentos líticos eram utilizados para trabalhar madeira. Encontramos, também, um atelie onde se elaboravam pontas de flecha. Uma delas, quebrada, estava no meio do refúgio de fabricação; os homens, pois, já possuíam arcos nesta época. Achamos, também, pigmentos (utilizados para realizar algumas das pinturas rupestres encontradas nesses locais?). Encontramos os seus vestígios alimentares (conservaram-se sementes carbonizadas, valvas de moluscos e ossos de tatus e cervídeos). No Estado vizinho da Bahia, o paleontólogo C. Cartelle encontrou um osso de preguiça gigante com maças de instrumentos de pedra (pesados, para desarticular, e facas mais leves, para cortar os músculos), mostrando que o homem caçou estes animais enormes. No entanto, já nos encontramos no final do pleistoceno, num momento em que o clima se transforma, tornando-se um pouco mais quente (a temperatura deve ter subido de 4°C) e bastante úmido: entrava-se no período geológico atual, dito "holoceno". As matas se desenvolviam, muitos pastos desapareciam e, com eles, as manadas de herbívoros gigantes.

O Holoceno Antigo

Para este período, entre 12.000 e 8.000 anos atrás, dispomos de muitas informações coletadas nos últimos anos de pesquisa, particularmente no sítio de Santana do Riacho. Uma parte deste abrigo foi utilizada como cemitério por uma população muito homogênea fisicamente (era endogâmica, ou seja, os membros do grupo local casavam-se essencialmente entre si): a raça de Lagoa Santa; eram pessoas relativamente pouco robustas, que sofriam de cáries dentárias (fato raro entre os *hominens* pré-históricos) e de inflamações ósseas. Sepultavam os mortos em covas, embrulhando-os numa rede revestida de entrecasca, por vezes adornados com colares de sementes; despejavam um pó vermelho de óxido de ferro na cova, que era fechada com pequenos blocos de pedra amontoados; mais de 50 esqueletos foram escavados. No centro de Minas, onde o sílex é raro, fabricavam instrumentos lascados (facas, raspadores, furadores, pontas de projétil, etc.) sobretudo com cristal de quartzo. Para instrumentos que precisavam ser mais resistentes, como os machados (cujos gumes eram polidos), os habitantes de Lagoa Santa e da serra do Cipo importavam a hematita da serra do Curral, ou de Conceição do Mato Dentro, e silimanita do vale do Jequitinhonha.

Há indícios de que certas pinturas rupestres sejam desta época, embora nenhuma tenha sido datada com certeza. As figuras mais antigas do centro mineiro pertencem ao que chamamos Tradição Planalto, caracterizada por grandes representações de veados (por vezes rodeados por pequenas figuras esquemáticas, simbolizando caçadores, que, as vezes, fincam um dardo nas costas do animal) e por peixes - agrupados aos pares. Esta tradição se estendeu desde o Estado do Paraná, ao sul, até parte da Bahia. Em Minas, aparece em centenas de sítios do planalto de Lagoa Santa, da serra do Cipo e do

vale do Jequitinhonha. Talvez, ao mesmo tempo, no norte de Minas e, particularmente, *AO Longo* do rio São Francisco, tenha nascido o que chamamos Tradição São Francisco, caracterizada por grafismos essencialmente geométricos, por vezes associados a representações de objetos (lanças, propulsores de dardos, etc.).

O Holoceno Medio

Entre 8.000 e 4.000 antes do presente, não se conhecem mais vestígios da *raijá* de Lagoa Santa. Os únicos esqueletos disponíveis vem do norte de Minas (vale do Peruacu) e mostram uma população bem diferente e mais robusta. Além dos sepultamentos em covas, foram encontradas outras estruturas de ocupação dos abrigos, como marcas de estaca, cujos alinhamentos devem permitir reconstituir a forma das habitações: mais de duzentas foram levantadas num único sítio. Os instrumentos de pedra conhecidos para esta época são, na sua maioria, menos sofisticados tecnologicamente que os do período anterior, embora não sejam, por isto, menos eficientes; são, no centro mineiro, lascas brutas de quartzo retiradas de blocos rachados sobre uma bigorna (técnica de lascamento "bipolar") e, no norte, lascas de sílex utilizadas brutas, tais como saíram do bloco de matéria-prima (o "micleo"), sem retoques posteriores. Conservaram-se também inúmeras plainas, feitas a partir de conchas retocadas, utilizadas para o trabalho da madeira, é provável que tenha havido numerosas aldeias a céu aberto, como a que foi rapidamente prospectada em Buritizeiros, perto do rio São Francisco. Infelizmente, não houve condições, ainda, de se realizar uma escavação sistemática neste local e, portanto, o nosso conhecimento sobre esta época é limitado a ocupação dos abrigos.

Neste período, a alimentação dos habitantes do Brasil atual continua sendo obtida diretamente da natureza: coleta de vegetais, caça, coleta de moluscos (particularmente, os grande gastrópodos da família *Strophocheilidae*) e caça aos vertebrados. Curiosamente, nota-se a falta de restos de anta e de porco do mato entre os restos alimentares; teria havido uma proibição de consumo de carne destes animais? Em compensação, há sinais de pesca; alguns anzóis de osso foram encontrados, assim como vértebras de peixes. Algumas pinturas foram datadas, com precisão, desta época, e milhares de outras são provavelmente do mesmo período. Ao que parece, a tradição Planalto se mantém com a mesma temática (representações zoomorfas), mas, em cada região, os painéis pintados mostram características estilísticas peculiares, refletindo, provavelmente, territórios tribais distintos, cada grupo tendo sua maneira de expressar a mensagem inscrita nos paredões naturais.

O Período Holocénico Tardio (cerca de 4000/2000 antes do presente)

Trata-se de um período de transição, ainda bem pouco conhecido. Na serra do Cipó, é caracterizado pelo aparecimento de um novo estilo na Tradição Planalto; frequentemente, alinhamentos de bastonetes e conjuntos de pontos pintados se justapõem ou sucedem as representações animais, que não chegam, no entanto, a desaparecer. Em várias partes do Estado, as representações de aves se multiplicando em Unai, elas parecem voar no teto de um abrigo que sugere o céu.

As pesquisas do IAB (do Rio de Janeiro) sugerem que, nesta época, pelo menos algumas populações passam a cremar os mortos. Em Santana do Riacho, grãos de milho parecem contemporâneos de fogueiras de cerca de 4000 anos de antiguidade. Alguns cacos de cerâmica aparecem também nesta época, e documentariam o aparecimento da técnica da olaria; no entanto, os achados são ainda raros, e temos de considerar que os cacos encontrados nas camadas anteriores a 2500 antes do presente possam ser intrusivos. Em todo caso, o holoceno tardio aparece como um período de mudanças, com,

provavelmente, a introdução de uma agricultura incipiente, talvez a chegada de novas populações e idéias.

O Holoceno Final (cerca de 2000/3000 anos atrás até o século XVIII)

Os últimos milênios são conhecidos tanto pelos milhares de sítios a céu aberto já registrados, quanto pelos abrigos, alguns dos quais continuam a ser utilizados.

Os moradores dos abrigos no norte mineiro

Os abrigos, no norte do Estado, foram utilizados por horticultores, que armazenavam provisões em "silos", espécies de grandes cestas sem alça que enterravam no chão de terra. Encontram-se neles coquinhos, feijão, milho, mandioca (às vezes parcialmente ralada), cabaças, urucum, e até folhas de fumo empilhadas, sementes silvestres e plantas medicinais; artefatos como coidões de algodão, penas para adomos, cabo para machado de pedra, etc., tudo preservado pelo ambiente extraordinariamente seco de alguns sítios. Logo antes da chegada dos europeus, os últimos ocupantes dos abrigos deixaram instrumentos de pedra lascada de grande tamanho (artefatos plano-convexos e retocados) e machados de pedra totalmente polidos (o gume polido e mais apropriado para instrumentos que trabalham por percussão, como o machado; os gumes lascados são melhores para trabalhar por pressão, ou seja, para cortar, serrar, raspar ou furar). Nesses dois milênios, parece ter havido um grande movimento de idéias, técnicas e, talvez, de populações; com efeito, as "mensagens" jupestres mudam várias vezes de conteúdo, contrastando com a relativa estabilidade das tradições anteriores. Contamos a existência de pelo menos três tradições sucessivas; uma delas, pelo menos, veio de fora: a tradição "Nordeste", encontrada e definida, inicialmente, no Piauí, e caracterizada por pequenas representações humanas agitadas que formam grupos familiares, cenas de copula ou de ritual ao redor de uma árvore.

No centro-sul do Estado (Lagoa Santa/Sete Lagoas), parece ter havido um sincretismo entre a tradição Nordeste e as crenças ligadas às aves do período anterior, que deu nascimento às representações de tipo "Ballet", com seres que têm corpos antropomorfos, cabeça de ave e órgãos genitais exagerados, e que formam procissões, ou cenas de parto.

Os ceramistas moradores dos abrigos foram agrupados, pelo pesquisador O. Dias, numa tradição chamada "Una", cujos portadores teriam, posteriormente, migrado para o litoral carioca. De fato, sabemos ainda muito pouco sobre esses grupos.

Os aldeões da Tradição Sapucaí

No decorrer do primeiro milênio da nossa era, multiplicam-se, em todo o Estado, as aldeias de uma cultura que raramente utiliza os abrigos. Estas populações estão agrupadas na Tradição Sapucaí, aparentada à Tradição Aratu, que se estende nos Estados de Goiás e da Bahia. As aldeias eram formadas por grandes habitações coletivas dispostas em círculo ao redor de uma praça central. Nas habitações acham-se milhares de cacos de cerâmica de grandes potes (destinados a conservar líquidos, fazer bebidas fermentadas, ou a sepultar os mortos) e vasilhames menores, finos, cuja forma lembra, por vezes, cuias vegetais. Entre as habitações, enterravam os mortos em urnas cuja forma lembra a fruta da Sapucaia (árvore do mundo dos mortos, nas tradições de certos índios Puri).

A cerâmica não era decorada, mas os vasos menores recebiam, às vezes, um banho ("engobo") de tinta vermelha. Estes grupos utilizavam a pedra, essencialmente, na forma de bigorna

e batedor para quebrar sementes e na de objetos polidos como machados ou adornos. Urn artefato cerimonial, que freqüentemente acompanhava o morto na sua uma, e uma lamina de machado em forma de incora, dita semilunar, sempre feita com muito cuidado. Perto de Lagoa Santa, ha uma pintura rupestre mostrando um desses machados complete encabado. O lascamento da pedra, em compensação, era pouco praticado e sem maiores requintes: estes grupos deviam utilizar muito mais a madeira como materia-prima para instrumentos, Estas aldeias, como a da Fazenda São Geraldo, em Ibia, que contava 18 casas, podem ter agregado centenas de pessoas e, pela espessura do refugio arqueologico, podem ter sido estaveis durante muitos anos. São típicas de cultivadores de milho que ocupavam os cerrados do Brasil central.

Esses vestígios podem ser atribuídos aos ancestrais dos indios Gês que mantem, ate hoje, padroes de aldeamento parecidos com os da Tradição Sapucaí.

Em alguns lugares, particularmente frios (sope da serra do Cipo, Nepomuceno), foram encontradas covas de ate 3m de profundidade e 12m de diametro, escavadas na terra; degraus laterais permitiam o acesso; o refugio formava uma cintura protetora contra as enxurradas. Tais estruturas lembram as "casas semi-subterraneas" típicas do planalto sul brasileiro; ainda faltam pesquisas para verificar quais foram seus autores. De qualquer modo, existem alguns indícios de influências meridionais nas zonas de Araucaria ("pinheiro do Parana") do sul do Estado, onde foram encontrados objetos típicos como "virotos" de pedra, normalmente associados as casas subterraneas do inicio do 1º milenio da nossa era, no sudoeste de São Paulo e no Parana. No século XVI, Gabriel Soares de Souza dava notícias de povos que habitavam embaixo da terra, "em tocas".

A tradição ceramista tupi-guarani

No final do primeiro e no início do segundo milenio da nossa era, uma nova população, provavelmente vinda da orla marítima, penetra em territorio mineiro ao longo dos principais rios navegaveis (rio Doce, rio Jequitinhonha), subindo também seus principais afluentes. São os grupos ditos "Tupi-Guaranis", pelo menos em parte, ancestrais dos Tupis históricos. Não tiveram tempo de se tomarem numerosos; por isto, poucos sitios são conhecidos e nenhum foi ainda objeto de uma pesquisa sistemática. Grupos canoieiros e cultivadores de mandioca ocupavam essencialmente ambientes de mata ciliar onde podiam praticar a agricultura de coivara e a pesca, suas principais atividades de subsistencia.

As aldeias tupi-guaranis eram também a céu aberto e compostas por varias grandes malocas (habitações coletivas de forma oval) cuja ocupação podia ser por varios anos. A diferença dos Sapucaí, decoravam suas ceramicas com relevos feitos na pasta fresca (corrugações feitas pinçando o barro, impressão de unhas) ou com desenhos geometricos muito delicados pintados em preto e vermelho sobre um fundo branco. Em Andrelandia, foram também achados adornos de ceramica, em forma de cabeça humana, que eram provavelmente aplicados na borda dos vasilhames. As laminas de machados (de forma ovalada ou trapezoidal) tem seu gume polido (para dar uma forma biconvexa, mais resistente), sendo o resto da peça picoteado (o que da uma superfície rugosa, melhorando a aderencia dentro do cabo). São também comuns maos de pilão picoteadas e/ou polidas; em outros Estados, foram encontrados adornos labiais ("tembetas") de cristal em forma de T, que ainda não foram assinalados em Minas.

Os Tupis-Guaianis, como os Sapucais, sepultavam os mortos em urnas, seja em vasos abertos, de forma quadrangular (vale do rio Doce), o que e comum no litoral do centro e nordeste brasileiro, seja em grandes urnas profundas de boca restrita (região de Salinas), forma tradicional nos Estados do sul do Brasil.

Os Tupis-Guaranis, pouco acostumados aos cerrados e as caatingas, não parecem ter consolidado sua presença em território mineiro. Quando chegaram os europeus, estes somente noticiaram a presença de Puris e Coroados (descendentes dos portadores da Tradifao "Una"?) e de grupos Ges. Muitos ceramistas e horticultores, para escaparem as doen9as e aos ataques dos brancos, modificaram seus costumes, aumentando sua mobilidade; ao mesmo tempo, os rradicionaishabitantes do centro e none mineiro (Sapucais) sofriram o impacto da chegada de novos grupos indigenas que vinham de outras regioes, provavelmente em razao da pressão dos Portugueses; estes belicosos recém-chegados, chamados "Botocudos" pelos europeus, são os grupos mais freqüentemente mencionados pelos administradores coloniais, que não chegaram a conhecer as primitivas sociedades indigenas do Brasil cennal na sua fase de apogeu.

CONCLUSÃO

Embora os trabalhos arqueologicos sistematicos no Estado tenham-se desenvolvido apenas nos últimos 15 anos, foi possível realizar urn primeiro balanço dos conhecimentos. A partir dos documentos guardados nos arquivos, teria sido impossível ter uma idéia, mesmo minima, do passado de Minas e do Brasil. Nem sequer a existência de urn passado pre-cabralino podia ser aceito, embora todo mundo saiba da existência dos fndios antes do século XV: o Brasil, oficialmente, continua tendo sido "descoberto pelos porrugeses";podenamos dizer que, no imaginario nacional, os Indios existem pelos brancos, que os criaram para exaltar a si mesmos pela oposição com os "outros".

Os povos sem escrita não tem voz, no mundo moderno: o "descobrimento do mundo" e atribufdo aos europeus. A "invenção" do pastoreio e da agricultura são creditados ao único Próximo Oriente, culturalmente aceito como raiz do mundo europeu e branco em geral. Ate no vocabulario "antropologico", os indios do Brasil não tem direilo a serem chamados de agricuhores: são "horticultores"; os caçadores-coletores formam "bandos", uma palavra que sugere uma inorganização total do tecido social. Esse vocabulario, ranco do evolucionismo milinear do século XIX, reflete a postura da "inteteligentista" que assimila os indios a um elemento da Natureza, a ser preservado numa reserva zoologica para passeios saudosistas de uma sociedade que não conseguiu decidir se essas sociedades "outras" são resqui'cios do Paraiso Perdido (mito do "Bom Selvagem") ou um estorvo na rota do Progresso. Ninguém parece imaginar que possam refletir uma escolha adaptativa as condições de vida peculiares, tão validas quanto a escolha dos agricultores de cereais dos países temperados, os quais levaram a tecnologia maquinista ao seu auge, ao preço da miseria da maior parte da popula9ao mundial.

Descartando - ou relativizando - o imaginario criado pelo escrito, a arqueologia da uma chance aos excluidos de existirem e se expressarem. Aos poucos, a luta dos povos esquecidos para viverem e se situarem no mundo começa a ter seus frutos, merce ao trabalho paciente dos arqueologos: não apenas ao escavar-se as piramides dos farads, mas também ao fazer ressurgir o dia-a-dia inglorio dos caboclos sem terra, dos indios sem voz, dos quilombos perseguidos.

BIBLIOGRAFIA

Muitas informações poderao ser encontradas nos Arquivos do Museu de História Natural da UFMG.

Nos volumes IV e X, foi publicada extensa bibliografia sobre arqueologia brasileira.

1º) Para ter uma idéia da pre-história brasileira em geral.

PROUS, Andre. "L'archeologie au Bresil, 300 siecles d'occupation humaine".

L'Antropologie, Paris

. 90:257-306. 1986. 35 fig. PROUS, Andre. "O Brasil antigo visto pela arqueologia".

Revista do Departamento de História. Belo

Horizonte, UFMG, 4: 100-15. 1987.

2º) Pre-história de Minas Gerais (títulos escolhidos).

ALVIM, Marília Carvalho de Mello e. "Os antigos habitantes da area arqueologica de Lagoa Santa, MG". Arq. do Museu História Natural da UFMG, Belo Horizonte, 2:119-74. 1977.

ALVIM, Marília Carvalho; SOARES, Margaret de Carvalho; CUNHA, Paulo Sergio Pringsheim. "Traces não-metricos cranianos e distancia biologica em grupos indígena interioramos e do literal do Brasil - 'Homem de Lagoa Santa', indios Botucudos e construtores de sambaquis". Arq. Mus. de História Natural da UFMG, Belo Horizonte, 8/9:323-38. 1983/84.

ANTHONIOZ, S.; COLOMBEL, P; MONZON, S. "Les peintures rupestres de Cerca Grande, Minas Gerais, Bresil. Cahiers d Archeofog/e d'Amerique du Sud, Paris, 6:303. 1978, p. 34.

ARAÚJO, A.J.G.; CONFALONIERI, U.E.C.; FERREIRA, L.F. "Oxyurid (Nematoda) eggs from Coprolites from Brazil". J. Parasitol., Lawrence, 68(3):511-2. 1982. BELTRAO, M. da C. & LIMA, T.A. Organizadores "Munificações naturais na Pre-História brasileira; um estudo de caso". Revista de Arqueologia, Belem, 3(1):3-39. 1986.

BRYAN, Alan L. & Gruhn, R. "Results of a testescavation at Lapa Pequena, MG, Brazil". Arq. Mus. Hist. Natural da UFMG, Belo Horizonte, 3:261-325. 1978.

BRYAN, A.L. "Paleoamerican prehistory as seen from South América". A. Bryan ed. In: New Evidence for the Pleistocene Peopling of the Américas. Univ. of Maine, Orono, 1-14. 1986.

CARVALHO, Eliana T.; CHEUICHE, Lilia. "Pesquisas arqueologicas na regio do Medio São Francisco Mineiro". Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 7:21-52. 1975.

DIAS JUNIOR, Ondemar Ferreira. "Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais". In: PRONAPA, 4. Resultados prellminares do quarto ano, 1968-1969. Belem, Museu Paraense Emilio Goeldi, p. 133-48. 1971. "Nota previa sobre as pesquisas arqueologicas em Minas Gerais". In. PRONAPA, 5. Resultados preliminares do qulnto ano, 1969-1970. Belem, Museu Paraense Emilio Goeldi, p. 105-16 1974.

"Mapa arqueologico do Estado de Minas Gerais". Arq. Mus. Hist. Natural da UFMG, Belo Horizonte, 4/5:297-309. 1979/80.

DIAS JUNIOR, Ondemar F. & CARVALHO, Eliana. "Uma habilitação semi-subterranea em Minas Gerais - dados arqueologicos". Arq. Mus. Hist. Nat. da UFMG, B. Horizonte, 3:293-57. 1978.

"A fase Piumhy; seu reconhecimento arqueologico e suas relações culturais". Clio, Recife, 5:5-43. 1982. "Notfcias preliminares das escava^oes na Lapa da Foice U-MG-RP-8". Bol. Inst. Arqueol. Brasil. Rio de Janeiro, 9:69-90. 1982.

DIAS Junior, O. F.; CHEUICHE, L.; CARVALHO, E. "Fase Belvedere - Uma fase Tupi-Guarani do Estado de Minas Gerais. Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, 7:5-17. 1975.

HOCH, Ella & PROUS, Andre. "A contribuição de P. W. Lund a arqueologia europeia e brasileira". Arquivos do Museu hist. Nat. da UFMG, Belo Horizonte, 10:170-76. 1985.

JUNQUEIRA, Paulo A.; MALTA, Ione M. "Horticultores e ceramistas pre-históricos do Noroeste de Minas Gerais". Arquivos do Museu de História da UFMG, Belo Horizonte, 6/7:275-89.1981/82.

LAMING-EMPERAIRE, Annette. "Missions archeologiques franco-bresiliennes de Lagoa Santa, Minas Gerais, Bresil. Le grand abri de Lapa Vermelha (P. L.)." Revista de Pre-História, São Paulo, 1(1):53-89. 1979.

LAMING-EMPERAIRE, A.; PROUS, A.; MORAES, A.V. de; BELTRAO, M.C. de M.C. "Grottes et abris de la region de Lagoa Santa, Minas Gerais, Bresil". GAMERS d'Archeologie d'Arherique du Sud, 1. Paris, 185 p. 1975.

LEITE, Nivea. "As gravações rupestres do norte de Minas Gerais". Dedalo, São Paulo, Publicações avulsas, 1:331-42. Anais da IV Reunião Cient. da SAB. 1989. MATTOS, Anibal. "Arqueologia de Belo Horizonte". Belo Horizonte, Biblioteca Mineira de Cultura, 34p.1947.

"Desenho dos cachimbos e o uso de fumar entre os índios americanos". Revista da Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte, 3:1-68. 1954.

PADBERG-DRENKPOL, Jorge Henrique Augusto. "Relatorio de duas excursões a regio calcaria de Lagoa Santa em 1926". Rio de Janeiro, Museu Nacional, ms. 1926. PAULA, F. Lopes & SEDA, Paulo, "Catalogo dos sítios (Minas Gerais)". Arq. Mus. Hist. Nat- UFMG, Belo Horizonte, 4-5:201-96. 1979/80.

PROUS, Andre. "L'Homme et la nature dans la region de Lagoa Santa (Bresil)". (Atas do colóquio interdisciplinar franco-brasileiro de estudo e cartografia de formações superficiais e suas aplicações...) Arq. Mus. Hist. Nat. - UFMG, Belo Horizonte, 3:65- 89. 1978. Fouilles du grand abri de Santana do Riacho (MG), Bresil". Journal de la SociSte des Américanistes, Paris, 67:163-83. 1980/81.

"Arte do Brasil na pre-história". Ciência Hoje, São Paulo, 2(7):10-7. "O homem pre-histórico no município de Jáboticatubas". In: GONCALVES, V.S. & COSTA, A.L.L. Ao pé das jáboticatubas. p.133-40. 1988.

"Le grand abri de Santana do Riacho". Les dossiers d'archeologie. Dijon, 145:74-77. fev./90.

PROUS, A., JUNQUEIRA, PA.; MALTA, I.M. "Arqueologia do Alto Medio São Francisco região de Jánuarua e Montalvania". Revista de Arqueologia, Belem, 2(1):59-72. 1984. PROUS, A.; LANNA, A.L.; PAULA, F.L. de "Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais". Pesquisas, ser. Antropologia, São Leopoldo, 31:121-46. 1980.

PROUS, A. & PAULA, F.L. "L'art rupestre dans les regions explorees par Lund (Centre de Minas Gerais, Bresil)". Arq. Mus. Hist Nat - UFMG, Belo Horizonte, 4-5:311-34. 1979/80. "Informações preliminares sobre grafismos de tipo "Nordestino no Estado de Minas Gerais".

Revista de Pre-História, São Paulo, 5(5):145-53. 1983. RELATdRIO de prospecções lealizadas no minicfpio de Montalvania, MG, pela Missão Franco- brasileira. Arq. Mus. Hist Nat. - UFMG, Belo Horizonte, 2:67-118. 1977.

SEDA, Paulo Roberto. "A arte rupestre de Unaf, Minas Gerais". Arq. Mus. Hist. Nat. - UFMG, Belo Horizonte, 6-7:397-408. 1981/82. "Estudlo de cronologia en el arte rupestre de Minas Gerais, Brasil: el sitio Boqueirao Soberbo". Boletin de la SIARB, La Paz, 4:64-74. 1990.

SEDA, P.R., SILVA, L.P.R., MENEZES, R. "A arte rupestre da serra do Cabral (MG) e a ocupação humana nos abrigos da regio: abordagem uncial". Arq. Mus. Hist. Nat - UFMG, Belo Horizonte, 8-9:155-84, 1983/84. SOLA, M.E.C., PROUS, A., SILVA, G.R. "Primeiros resultados das pesquisas rupestres na regio

- de Jánuaría-itacarambi", Arq. Mus. Hist. Nat-UFMG, Belo Horizonte, 6-7:383-95. 1981/82.
- WALTER, Harold V. "Arqueologia da região de Lagoa Santa, Minas Gerais, índios pre-colombianos dos abrigos-rochedos". Rio de Janeiro, Sedogra, 227 p. 1958. 3²) Reprodução completa dos sítios de arte rupestre: (microeditions do Institut d'Ethnologie de Paris, Musée de l'Homme, Place du Trocadero, 75116 Paris. ANTHONIOZ, S.; COLOMBEL, P., MONZON, S. "Les oeuvres rupestres du massif de Cerca Grande, région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil". R 74 039 116. 1975.
- ANTHONIOZ, S.; CLEMENT, G.; MONZON, S. "Les oeuvres rupestres du massif de Caetano, région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil". R. 74 039 176. 1978.
- ANTHONIOZ-RUSSEL, S. & MONZON, S. "L'Abril de Sucupira; un site d'art rupestre de la région de la Serra do Cipó, Minas Gerais, Brésil: couverture photographique". R 84 039 375. 1985.
- CLEMENT, G. "Les oeuvres rupestres du massif de Sumidoro; région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil". R. 79 039 21. s.d.
- LEITE, N. & LIMA, M.A. "L'art rupestre de la Lapa do veado, Jándaria, Brésil (M.F. couleur)". R 85 039 393. 1985.
- MOTTA, J.F.; SIQUEIRA, A.; PROUS, A. "Les oeuvres rupestres du site d'Altamira, José de Mello, Minas Gerais, Brésil". R 87 039 430. 1986/87. PROUS, A.; JESUS, S.M. de; MALTA, I.M. "Les peintures rupestres de la Toca do Índio', Andrélandia, Minas Gerais, Brésil". R 87 039 479. 1989.
- PROUS, A.; PAULA, F.L. et alii. "La Lapa do Caboclo, Jánuaría Brésil". R 85 039 394. 1985.